

Marcas de fala na escrita de jornal e de escola

Maria Cecília Mollica*

Mariana Martins**

Viviane Soares***

Resumo - Trata-se de estudo comparativo de fenômenos típicos da fala que estão migrando para a escrita, como queísmo, construções cortadoras e pseudo-cortadoras e o emprego da vírgula entre SN e SV no contexto do discurso jornalístico e da escola.

Palavras-chave - Língua falada e escrita. Escola. Discurso jornalístico.

1. Colocação do problema

A produção discursiva oral ou escrita opera em diferentes situações de uso. As condições que se impõem no processamento podem se modificar a depender da modalidade, do estilo, do gênero discursivo e do veículo utilizado como transmissor dos enunciados lingüísticos. Por isso, relevantes são os estudos que enfocam questões como: (1) no contínuo fala e escrita, que construções se mostram mais vulneráveis para deslizar de uma modalidade para outra? (2) quais são os agentes propulsores para a migração fala > escrita? (3) os vetores normativizadores como mídia e escola agem de forma semelhante na direção de reter construções da oralidade, impedindo sua migração para a escrita? (4) as diferenças das condições de produção discursiva são importantes nas operações mencionadas em (1) e (3)?

* Professora Titular Doutora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil. Pesquisadora I do CNPq. Pesquisadora da FAPERJ. E-mail: ceciliamollica@terra.com.br.

** Mestranda em Lingüística na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil. E-mail: mariana_martins1@yahoo.com.br.

*** Mestranda em Lingüística na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil. E-mail: viviane_soares1@yahoo.com.br.

Há muito já está superada a visão dicotômica entre fala e escrita segundo a qual haveria marcos distinguidores rígidos entre as modalidades de uma língua. Propostas como a de BIBER (1988), HALLIDAY (1989), MARCUSCHI (2001), TANNEN (1982) compreendem fala e escrita num contínuo, em que grau de planejamento discursivo e envolvimento entre os interlocutores podem diferir a depender do gênero discursivo, do suporte textual, bem como do contexto de uso, do público alvo e das finalidades discursivas.

Procedemos à investigação sobre alguns parâmetros que concorrem para o registro de fenômenos de oralidade em textos produzidos para jornais e pela escola, com o fito de comprovar que marcas de fala aparecem na escrita e que há diferenças entre as condições de produção textual, impostas pelo contexto situacional, pelo gênero discursivo e pelo suporte textual, ainda que as exigências quanto à norma gramatical sejam semelhantes. Nossa análise enfoca mais precisamente a importância do veículo textual de jornal e de escola. Parte dos resultados da investigação tem por finalidade evidenciar que a escrita, seja de aprendizes, seja de “escritores maduros”, acaba por deixar escapar vestígios de fala na escrita.

2. Fenômenos trabalhados e amostras utilizadas

Investigações anteriores voltadas para a fala (cf. MOLLICA, 1996) apontaram que os supra-segmentos de fronteiras, em intervalos sintáticos localizados entre os “termos essenciais” da oração, emergem sob pressões discursivas, especialmente quando o referente SN é o tópico mais relevante, sendo foco de contraste, e sofrem pressões de natureza mecânico-estrutural, em outras palavras, o SN está distante de SV e é estruturalmente mais complexo.

(1) “Os problemas de família e da casa em que mora, vão lhe dar trabalho e algumas despesas extras também”. (Povo, 07-01-04 – Horóscopo)

Os resultados apurados na modalidade falada motivaram-nos, então, a examinar a presença de variantes não-padrão, isto é, de variantes que estão em desacordo com a norma gramatical, em textos jornalísticos (cf. MOLLICA; SOARES, 2006) e em produções de estudantes. Na língua escrita, os recursos de pontuação são, em muitos casos, utilizados para representar o sistema fonológico supra-segmental das línguas e podem ser empre-

gados variavelmente. A pesquisa desenvolvida demonstrou que os contextos que possibilitam o surgimento da vírgula na modalidade escrita são similares aos da modalidade falada. O exemplo (1), extraído de um jornal brasileiro contemporâneo de grande circulação, ilustra SN grande e complexo sintaticamente separado por vírgula.

Além de marcas prosódicas de fala, que emergem variavelmente como vestígios de oralidade no código ortográfico, examinamos o *queísmo*, as *construções cortadoras* e as *pseudocortadoras*, fenômenos dinâmicos da fala que migram para a escrita.

O *queísmo* consiste na supressão de ‘de’ diante da conjunção integrante ‘que’, quando a gramática normativa prevê ou prefere a presença da preposição (cf. MOLLICA, 1995): a ausência do nexos prepositivo, em fronteiras queístas, ocorre em orações com função sintática de objeto indireto ou de complemento nominal. Já no caso das relativas *cortadoras*, os estudos voltados para língua falada (cf. MOLLICA, 1977; TARALLO, 1983), dentre outros, atestam que a supressão da preposição pode operar com qualquer preposição, diante do pronome relativo ‘que’, cuja função sintática pode ser objeto indireto, adjunto adverbial ou complemento nominal. Os dois processos acham-se ilustrados nos exemplos (2) e (3):

(2) “Tenho certeza **0 que** ninguém será punido no escandaloso caso Waldomiro”. (O Globo, 26-02-04 – Cartas)

(3) “(...) o tempo **0 que** precisam para adquirir e manter seus modernos palácios não lhes permite desfrutar a brisa do mar”. (O Globo, 22-03-04 – Cartas)

As *pseudocortadoras* são construções relativas que não geram contextos para a realização variável da anáfora pronominal através de pronome reto, mas constituem igualmente processos de simplificação, conforme a análise de MOLLICA (2005), tanto quanto o *queísmo* e as *cortadoras típicas*. Por esse motivo, foram incorporadas como dados de análise no estudo, como se pode perceber no exemplo (4):

(4) “Foi com ele, nos tempos **0 que** fui o seu secretário na diretoria da Mangueira (...)”. (Povo, 20-04-04 – Crônicas)

A cláusula adjetiva em (4) tem o relativizador como adjunto adverbial que não é copiado por um pronome reto, daí não configurar-se como copiadora típica. No entanto, ela pode sofrer variação no que diz respei-

to à presença ou ausência da preposição antes de *que*, razão por que a denominamos de *pseudocortadoras*.

MOLLICA (2003a) concorda com GOMES (1996), quando levanta a hipótese de perda de preposições no português brasileiro em função da preferência dos falantes por construções de esquiva, resultando em operação de simplificação estrutural. A variação no sistema preposicional tem sido pouco percebida (ou “ouvida”) pelos falantes, “(...) no entanto, há um razoável grau de oscilação no emprego dos nexos preposicionais, tornando o sistema bastante flutuante no português falado hodiernamente” (MOLLICA, 1989, p. 15). Observamos no estudo alguns casos que envolvem supressão de preposição.

Na pesquisa, utilizamos a *Amostra do Discurso Jornalístico* e uma amostra composta de dados coletados de alunos de um pré-vestibular comunitário. Do ponto de vista teórico-metodológico, baseamo-nos nos postulados da Sociolinguística Variacionista (cf. LABOV, 1972), que nos permitiu analisar quantitativa e qualitativamente os dados por meio do conjunto de programas computacionais GOLDFARB (cf. RAND; SANKOFF, 2001).

A *Amostra do Discurso Jornalístico*, constituída por parte de pesquisadores titulares e por bolsistas do PEUL, como já explicado na Introdução deste livro, é composta de 650 textos jornalísticos publicados em quatro jornais de grande circulação na cidade do Rio de Janeiro: *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Extra* e *Povo*. Os jornais foram classificados, respectivamente, em mais e menos populares, de acordo com o critério ‘público-alvo’ para o qual estão voltados. Os textos que compõem o acervo estão distribuídos em sete gêneros discursivos: *Cartas*, *Crônicas*, *Editorial*, *Horóscopo*, *Notas de Coluna Social*, *Notícias/Reportagens* e *Opinião*. Cabe dizer que, neste trabalho, o gênero discursivo não será nosso objeto de estudo.

Os dados de vestibulandos, por sua vez, foram coletados em dois momentos de trabalho com uma turma do pré-vestibular Humanista. Acompanhamos um grupo de alunos numa perspectiva longitudinal durante cinco meses, no Centro Tecnológico da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na Ilha do Fundão. Consideramos a primeira fase como um primeiro diagnóstico, em que não conhecíamos os alunos e durante a qual não houve qualquer monitoramento. A segunda fase de coleta de dados ocorreu ao final do acompanhamento da turma. Assumimos que, nessa etapa, houve monitoramento, uma vez que o acompanha-

mento da turma incluiu testagens de estratégias didático-pedagógicas inovadoras e específicas, com a finalidade de possibilitar a apropriação de variantes prestigiadas na língua escrita no que se refere aos fenômenos tratados neste artigo e a outros como concordância nominal e verbal e emprego do clítico em função acusativa (cf. MOLLICA et al., 2005).

As novas estratégias pedagógicas consistiram em:

- I) utilizar resultados de pesquisas acadêmicas em sala de aula;
- II) explorar a relação entre língua falada e língua escrita;
- III) desenvolver consciência crítica nos alunos sobre normas gramaticais sem vinculá-las aos termos da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB);
- IV) romper com a díade certo/errado.

A utilização de resultados de pesquisas acadêmicas em sala de aula é de suma importância para tornar mais eficaz o ensino de língua materna e contribuir para a conscientização lingüística por parte dos alunos. Essa tarefa deve ser conduzida por docentes de graduação em Letras, com o propósito de subsidiar o graduando para um trabalho, na escola, com conteúdos de língua portuguesa que mantenham relação entre as teorias lingüísticas e sua aplicação prática.

Além disso, a exploração da relação entre língua falada e escrita (cf. MARCUSCHI, 2001) revelou-se procedimento pedagógico fundamental durante os cinco meses. A partir da percepção dos alunos acerca da forte influência que a oralidade exerce sobre a língua escrita, os professores tiveram seu trabalho facilitado, posto que os estudantes passaram a entender que fala e escrita, embora modalidades distintas com especificidades próprias, acham-se intimamente relacionadas num gradiente de estilos e gêneros.

Sabemos que a língua escrita está no centro das atividades praticadas pelos alunos no ambiente escolar, o que significa dizer que apenas a língua escrita tem sido objeto de estudo no mundo acadêmico em todos os níveis de instrução. O embate entre ensino da variante padrão e não-padrão acha-se atrelado à questão da relação oralidade e escrita, como aponta MOURA NEVES (2004, p. 89): “Nenhum pai, nenhuma família espera que a escola vá ensinar suas crianças a ‘falar’, pois elas já ‘falam’ quando entram na escola, uma vez que, obviamente, o desempenho oral ante-

cede o processo de educação formal”. A escola deve voltar-se para a língua escrita, mas atentar para a questão dos usos correntes da linguagem, dado que, “numa sociedade letrada, não se escreve e se lê apenas, também (e principalmente) se fala” (MOURA NEVES, op. cit., p. 93).

A única certeza que temos, respaldada pela turma com a qual a testagem foi realizada, é a de que, quando ocorre vivência plena em todas as situações (fala, escrita, variante padrão e não padrão), o ensino de língua materna se torna mais eficiente e seu papel torna-se mais claro para os alunos. Cabe à escola oferecer o leque de padrões lingüísticos aos falantes, uma vez que a heterogeneidade inerente a qualquer língua humana é fato inquestionável, assim como os contextos propulsores à mudança lingüística.

A falta de atenção à diversidade lingüística deu lugar à sobrevalorização de nomenclaturas gramaticais. Durante o acompanhamento da turma, buscamos reduzir ao máximo a chamada “decoreba” de categorias: priorizamos o funcionamento do sistema lingüístico e seu conhecimento pelo falante nativo. Nos termos de PERINI (2002, p.17), há uma doutrina gramatical implícita “que não é nunca explicitada, nem reconhecida como existente, mas que na verdade guia nossas decisões dentro da prática da análise gramatical”. Todas essas decisões, por sua vez, provêm do uso que fazemos de mecanismos implícitos da língua, já existentes em nossas mentes e que dominamos perfeitamente. Quando explicitados os saberes e os mecanismos de usos da língua, os alunos sentiram-se menos pressionados durante o processo de ensino-aprendizagem.

Adotamos adicionalmente a visão de “erros”, nos termos de BORTONI-RICARDO (2004), segundo a qual o erro revela etapas do processo de aprendizagem. Nessa perspectiva, o *uso da vírgula* foi apresentado com base em exemplos reais que privilegiaram SNs extensos e estruturas sintáticas complexas, com o propósito de levar os próprios alunos a constatarem que nem toda pausa na fala se reflete na escrita. Procedimentos na mesma linha foram adotados para os demais fenômenos. Por exemplo, as estruturas utilizadas com relação ao *queísmo* foram aquelas consideradas mais propícias ao aparecimento do processo, fato observado em pesquisas realizadas por outros especialistas (cf. Mollica, 1995) e reafirmado nas investigações em jornais. Durante as aulas, destacamos para os alunos que *queísmos* são encontrados principalmente em jornais populares e em car-

tas e entrevistas de jornais (trabalhados em sala de aula), gêneros textuais que apresentam maior proximidade com a língua falada. Os vestibulandos concluíram que se deve atentar para o uso formal da língua quando se trata de modalidade escrita. No caso das *relativas cortadoras* e das *pseudocortadoras*, buscamos inspiração em procedimentos pedagógicos indicados em KOCH; SILVA (1983), a fim de provocar no aluno a compreensão sobre a utilidade da preposição nos contextos em estudo.

3. Resultados

No que se refere aos jornais, a pesquisa evidenciou que há presença de usos considerados não padrão, segundo o cânone gramatical, no que concerne aos fenômenos aqui estudados, ainda que os jornalistas já tenham concluído o Ensino Superior e que os jornais passem por severas revisões gramaticais. Examinem-se os resultados expostos na Figura 1, onde os percentuais foram arredondados sem casas decimais.

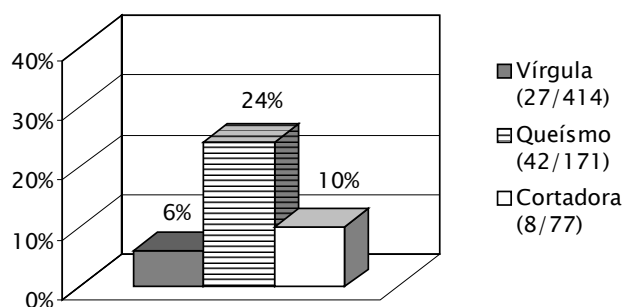


Figura1 – Frequência relativa das variantes não padrão dos fenômenos analisados em jornais

Os dados apresentados na Figura 1 incluem tanto os de jornais considerados mais populares quanto os de jornais menos populares, conforme os critérios estabelecidos e utilizados no estudo para postular os traços (+/- popular). Ao controlar a variável *tipo de jornal*, distinguindo veículos de caráter [+ popular] e [-popular], encontramos diferença quanto à ocorrência de construções em desacordo com a norma padrão, fato que se pode constatar na Tabela 1.

Tabela 1- Efeito da variável tipo de jornal em relação a usos de variantes não-padrão nos fenômenos analisados

FENÔMENO	[+ POPULAR]			[- POPULAR]		
	Ocor.	% ⁽¹⁾	Peso Relativo	Ocor.	%	Peso Relativo
VÍRGULA	26/229	11,3%	.80	1/185	0,5%	.15
QUEÍSMO	9/29	31%	.57	33/142	23,2%	.48
CORTADORA	4/16	25%	.75	4/61	6,5%	.42

(1) Os valores nas colunas de porcentagens foram arredondados com uma casa decimal.

A Tabela 1 apresenta indicadores numéricos com pesos relativos significativos que apontam para a maior incidência de variantes não-padrão em jornais considerados mais populares. Esses resultados corroboram a hipótese de que há diferenças entre os produtos da mídia escrita cujo critério distinguídor parece ser o grau de exigência do público-alvo. É de se supor que leitores mais escolarizados sejam mais rigorosos do ponto de vista da norma lingüística de prestígio, utilizada nos textos dos jornais que escolhem para ler, dentre outros aspectos, como conteúdo das matérias, temas abordados, tipos de seções e reportagens. Em contrapartida, leitores de baixa escolarização provavelmente não são tão atentos a aspectos lingüísticos e se interessam por notícias veiculadas de maneira específica.

Quando se analisam produções textuais de alunos no espaço escolar, os índices encontrados nos textos produzidos por vestibulandos são distintos dos de jornais, conforme se pode observar no Figura 2, onde os percentuais foram arredondados sem casas decimais.

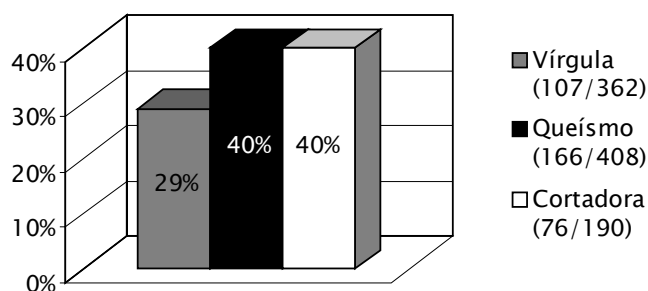


Figura 2- Frequência relativa das variantes não padrão em produções textuais de vestibulandos

Em princípio, a produção textual dos alunos que se preparam para a entrada na Universidade deveria ser ajustada ao padrão tanto quanto os textos veiculados em jornais. No entanto, não é essa a realidade que constatamos na pesquisa, se comparamos a distribuição mostrada nas Figuras 1 e 2, que diz respeito à frequência de ocorrência das variantes não-padrão dos fenômenos escolhidos para análise.

Traçamos o perfil da turma de pré-vestibular por meio de um questionário sociocultural. A variável *faixa etária*¹ foi o fator determinante entre os alunos quanto ao domínio do padrão: alunos de 15 a 18 anos, ainda dentro do processo escolar, exibiram maior ajuste à norma comparativamente aos mais velhos. Observe-se a Tabela 2.

Tabela 2- Correlação entre *faixa etária* e presença de estruturas não-padrão nos fenômenos analisados

FENÔMENOS	[15-18] ANOS			[>18] ANOS		
	Ocor.	% ⁽¹⁾	Peso Relativo	Ocor.	%	Peso Relativo
VÍRGULA	67/246	27,2%	.48	40/116	34,4%	.52
QUEÍSMO	76/250	30%	.41	60/101	59,4%	.70
CORTADORA	35/127	27,5%	.38	30/43	69,7%	.79

(1) Os valores nas colunas de percentagens foram arredondados com uma casa decimal.

Supomos que tais resultados se devem ao fato de os mais velhos não estarem sujeitos, há algum tempo, ao monitoramento normativo que a escola exerce sobre os falantes. Na ausência do prescritivismo lingüístico da escola, a influência da fala sobre a escrita mostra-se nitidamente atuante.

Com o intuito de comprovar a hipótese de que a escola atua como agente normativizador, acompanhamos longitudinalmente a turma, lançando mão de diretrizes inovadoras, a exemplo da proposta de MOLLICA (2000, 2003b). Uma comparação entre o estágio inicial dos alunos, sem qualquer trabalho pedagógico dirigido, e a etapa final do acompanhamento oferece indicadores claros de que o processo escolar pode constituir-se em um vetor importante, no sentido de favorecer a introdução de formas ajustadas ao padrão, de modo a conduzir o falante a usá-las na língua escrita.

A Tabela 3 exibe resultados do estágio inicial (T1) e do estágio final (T2), referentes ao uso das variantes não-padrão examinadas no presente texto.

Tabela 3- Comparação entre T1 e T2 quanto aos índices de variantes não padrão

FENÔMENOS	ESTÁGIO INICIAL (T1)			ESTÁGIO FINAL (T2)		
	Ocor.	% ⁽¹⁾	Peso Relativo	Ocor.	%	Peso Relativo
VÍRGULA	73/152	48%	.71	34/210	16,2%	.34
QUEÍSMO	126/208	60%	.71	40/200	20%	.28
CORTADORA	37/85	43,5%	.55	39/105	37,1%	.45

(1) Os valores nas colunas de percentagens foram arredondadas com uma casa decimal.

Os quantitativos da Tabela 3 são indicadores inequívocos de que *pressão escolar* constitui variável pertinente no que se refere à apropriação de formas ajustadas ao padrão culto na língua escrita. Embora os resultados apontem para a importância do monitoramento como trabalho pedagógico relevante, na tentativa de aproximar o vestibulando da norma padrão exigida em textos acadêmicos, geralmente com as características de gênero dissertativo-argumentativo, as marcas de oralidade permanecem no texto escolar de forma expressiva e em frequência ainda maior do que na do jornais.

O estudo sugere a hipótese segundo a qual marcas de fala vêm gradualmente aumentando na modalidade escrita do português brasileiro. Em alguns casos imperceptíveis, ocorrem em textos midiáticos de jornal e de estudantes num percentual expressivo, embora a exigência seja a utilização de estruturas conformes à norma culta.

No contínuo fala > escrita, os textos apresentam traços de oralidade. Tradicionalmente, alguns agentes de retração, como 'escola' e 'mídia', pressionam na direção de coibir inovações, mas o estudo a que procedemos e os resultados exibidos apontam para o sentido contrário, especialmente se estão presentes condições favoráveis: o tipo de jornal e a produção textual na escola se mostraram veículos favorecedores da presença da oralidade na escrita, ainda que a exigência do gênero textual em ambos os casos seja de ajuste à norma padrão. Assim, se compararmos a produção textual de jornais com a da escola, verificamos que a escrita dos pré-vestibulandos acha-se mais vulnerável à entrada de traços de oralidade.

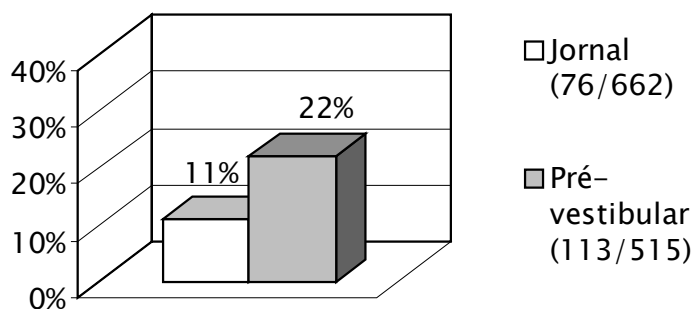


Figura 3 – Percentual relativo quanto à ocorrência de formas não-padrão em jornais e na escola

Estruturas da fala encontram-se distribuídas num gradiente, instalando-se na escrita em função de fatores externos à língua, desde que presentes características estruturais propícias. Se as evidências nos conduzem a afirmar que as variantes não *standard* tendem a migrar para jornais mais populares, há que se lançar a hipótese da relevância das condições de produção dos textos da mídia escrita e da escola. Comparem-se os resultados entre índice de ocorrência de variantes não-padrão em língua falada, em jornais e em textos escolares.

Tabela 4- Comparação entre freqüência de ocorrência das variantes não-padrão dos fenômenos estudados na fala e na escrita de jornal e em produções escolares

FENÔMENOS	CORPUS ORAL ⁽¹⁾	CORPUS JORNAIS	CORPUS VESTIBULAR
VÍRGULA	109/2039 5%	27/414 6%	107/362 29%
QUEÍSMO	332/474 70%	42/171 24%	166/408 40%
CORTADORA	106/178 59,5%	8/77 10%	76/190 40%

(1) Os resultados referentes ao *corpus* oral foram obtidos a partir da análise dos dados da Amostra Censo e de outras amostras de fala.

Os resultados exibidos na Figura 3, em que os percentuais foram arredondados sem casas decimais, e na Tabela 4 são indícios de que os filtros normativos são diferenciados na mídia impressa em comparação aos textos dos estudantes. Vale mencionar também que, dos vestígios de oralidade analisados, o *queísmo* é o mais freqüente em jornais, o que corrobora a hipótese de MOLLICA (2003c) sobre a correlação grau de saliência dos fatos de fala e as chances de migração para a escrita.

4. Considerações finais

O presente estudo demonstrou que há contextos próprios à língua escrita que favorecem a entrada de marcas típicas de fala. Trabalhos desenvolvidos anteriormente por outros especialistas acerca da oralidade e sua relação com a escrita vêm apontando para o aparecimento dos fenômenos em tela no português falado, o que nos motivou a investigá-los na escrita jornalística e escolar, supostamente sujeita a rigoroso filtro normativo. Tornou-se, então, interessante examinar a migração da fala para a escrita de marcas desajustadas em relação à norma na escrita de jornais e da escola num enfoque comparativo.

É oportuno pensar nas diferenças entre as condições de produção do texto jornalístico e do estudante. Em geral, o autor do texto jornalístico conta com mais tempo e possui mais elementos à sua disposição, se comparamos à precariedade contextual com que são produzidos os textos na escola. O estudante, quando em sala de aula, não dispõe nem de tempo nem de material suficiente para construir seu texto e seu único leitor é o professor que, via de regra, está atento sobretudo aos aspectos negativos da sua produção.

Assim, supomos que o jornalista, via de regra, pode contar com uma equipe para a produção de notícias, reportagens, crônicas e outras seções do jornal, além de pessoal de revisão e material bibliográfico para consulta. Seu leitor é constituído de uma massa de pessoas a quem ele tem que atingir de forma positiva e estimulante para manter o público alvo assíduo e fiel. Em sala de aula, o aluno não conta com os mesmos recursos, evidência que aponta para o fato de que há bons indícios para pensarmos que, além de tipo de veículo, a variável condição de produção textual é relevante para a questão da migração de marcas de fala na escrita. Eis uma vertente de pesquisa a ser ainda explorada.

Nota

¹ Vale esclarecer que há uma diferença entre o total de dados que compõem o *corpus* pré-vestibular e o total de dados referentes à variável *faixa etária*, visto que 77 alunos não informaram a idade.

Spoken features in the written news and school discourses

Abstract - This study focuses on a comparison of typical phenomena which are migrating from the speech to the written language, such as *queísmo*, *cortadoras* and *pseudocortadoras* constructions and the usage of comma between NP and VP in the news and school discourses.

Key words - Spoken and written language. School. News discourse.

Referências bibliográficas

BIBER, D. *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BORTONI-RICARDO, S.M. *Educação em língua materna: A sociolinguística em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

GOMES, C.A. *Aquisição e perda de preposição no português do Brasil*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 1996.

HALLIDAY, M.K. et al. *Spoken and written language*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

KOCH, I.G.V.; SILVA, M.C. *Linguística aplicada ao ensino de português: Sintaxe*. São Paulo: Cortez, 1983.

LABOV, W. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MARCUSCHI, L.A.A. *Da fala para a escrita: Atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MOLLICA, M. C. *Estudo da cópia nas construções relativas em português*. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Rio de Janeiro, 1977. Mimeo.

_____. Alguns fatores da pausa entre sujeito e verbo. In: *Relatório Finep*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, 1986, p. 166-200. Mimeo.

_____. *Queísmo e dequeísmo no português do Brasil*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 1989. Mimeo.

_____. *(De) que falamos?* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

_____. Supra-segmentos de fronteira: Principais causas e funções. In: MACEDO, A.; RONCARATI, C.; MOLLIKA, M.C. *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 129-47.

_____. Língua falada e língua escrita no português brasileiro: distinções equivocadas e aspectos descuidados. IN: GROBE, S.; ZIMMERMANN, K. (eds.). *O português brasileiro: pesquisas e projetos*. Frankfurt am Main: TFM, 2000, p. 11-57.

_____. *Influência da fala na alfabetização*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 2000.

_____. Relativas em tempo real no português brasileiro contemporâneo. In: PAIVA, M.C.; DUARTE, M.E. (orgs.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: ContraCapa/Faperj, 2003a, p. 128-38.

_____. *Da linguagem coloquial à escrita padrão*. Rio do Janeiro: 7letras, 2003b.

_____. Marcação e estabilidade na mudança lingüística. In: ROBERTS, Y.; KATO, M. (orgs.). *Português Brasileiro: uma Viagem Diacrônica*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003c, p. 213-218.

_____. *Aportes para uma Teoria da Mudança na Escrita*. Conferência proferida durante o Concurso para Titular em Lingüística, setembro de 2005, no prelo.

MOLLIKA, M.C. de M.; SOARES, V. dos R. Vestígios de traços melódicos da fala na mídia escrita contemporânea. *Revista Scripta*. Belo Horizonte: PUC – Minas, v. 9, n^o 18, 1^o sem. 2006, p. 193-200.

MOLLIKA, M.C. de M. et al. Uma experiência longitudinal em vestibulares comunitários. CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. 8. *Navegar é preciso — transformar é possível*. Rio de Janeiro, Brasil, nov. 2005, v. 2, versão em CD-ROM, p. 1644-1652.

MOURA NEVES, M. H. *Que gramática estudar na escola?*. São Paulo: Contexto, 2004.

PERINI, M. Doutrina explícita e doutrina implícita. In: _____. *Para uma nova gramática do português*. São Paulo: Ática, 2002, p. 15-20.

RAND, D.; SANKOFF, D. *GoldVarb version 2*. Centre de recherches mathématiques, Université de Montréal, 2001.

TANNEN, D. (ed.). *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. Norwood, N.J.: Ablex, 1982.

TARALLO, F. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de doutoramento. Pensilvânia, Universidade da Pensilvânia, 1983.

Recebido e aprovado para publicação em maio 2007